



ISSN: 2595-5713

Vol. 01 | N°. 02 | Ano 2018

Editorial

Site/Contato

Editores

Ivaldo Marciano
ivaldomarciano@gmail.com

Editorial

Ainda vivendo em tempos obscuros, sob influência de teorias conspiratórias e devaneios delirantes, as pesquisas continuam e com elas as tentativas de trazer os homens e mulheres para o plano da racionalidade. Sim, a vida é feita de processos, e estes são eivados por partes, etapas, aspectos dos quais a tradução de fenômenos e eventos é o que cabe aos que enveredam pelas searas das pesquisas. E nos dias atuais a dificuldade para o ofício da pesquisa é o lugar em que esta se insere. Os ataques surgem aos montes e de todos os lados. Caso o pesquisador reivindique a boa e velha tentativa do estabelecimento da distância, sofrerá ataques virulentos e acusações de que tenta ser um isento de mentira; e se ele assumir suas preferências correrá o risco de ser acusado como alguém que já dispõe das respostas prontas para uma pesquisa que sequer foi feita. Diferenças de métodos, escolhas de paradigmas.... Tempos difíceis!

Cortes de verbas para a educação... Pesquisas consideradas inúteis, ressentimentos e delírios rondando um país que até recentemente estava a todo vapor na produção de um contexto melhor. Ministros de um certo governo que mentem, declarando títulos de mestrado e doutorado que não possuem, e descobertas até recentemente aceitas como consensuais sendo postas em dúvida, a exemplo da natureza do formato da terra.... Os indicadores sociais, aliados aos econômicos, em tempos outros, eram mais do que satisfatórios. Mas hoje, infelizmente, as incertezas em torno do funcionamento das universidades constituem uma certeza não muito agradável. Assim é o cenário em que vivem os pesquisadores brasileiros. O que aconteceu para que em tão pouco tempo tudo viesse abaixo? O mesmo pode se dizer em relação aos objetos de pesquisa. Como explicar os questionamentos em torno da validade dos cursos das áreas de Humanas? E nesta esteira, como justificar a História da África e os Estudos Africanos, sem correr riscos de ser acusado por algo inimaginável e eivado de delírios diversos? Eis a questão!

E neste meio se inserem os que se arvoram em estudar temas ligados ao continente africano ou suas representações em outros espaços. Ao que parece, a vitalidade dos estudos sobre o continente africano indica que será difícil retroceder nesta área, a despeito do obscurantismo e dos obscurantistas. Este número de *Cadernos de África Contemporânea* é um exemplo disto: nós existimos!

Há, no Brasil, quem reivindique liames com o que talvez não seja reconhecido pelos “ditos” africanos e, certamente, estes possuem outras formas de se auto reconhecerem, deixando claro que as identidades não devem ser entendidas por conceitos que não levem em conta as diversidades e multiplicidades de sentidos. Se no Brasil prevalecem, grosso modo, conceitos que to-

mem homens e mulheres imersos em complexos sistemas culturais como dotados de essências, as pluralidades existentes do outro lado do Atlântico teimam em escapar das camisas de força da homogeneidade.

Há como definir os povos do continente africano por conceitos e categorias homogeneizantes? Ou, poderiam estes nos indicar outros caminhos para nós os conhecermos? Eis a importância dos Estudos Africanos e da História da África! O conhecimento da espécie humana, das suas práticas, hábitos, costumes e culturas exige das ciências repertórios conceituais amplos, que tragam consigo aportes teórico-metodológicos que deem conta de eventos e naturezas complexas. Sem o conhecimento, corre-se o risco de acreditar que a África é uma e/ou destituída de valores civilizacionais, como nos fizeram pensar determinados discursos durante muito tempo.

Este número de *Cadernos de África Contemporânea* traz consigo as marcas da insistência em continuar pensando, e assim, confirmar a máxima da (r) existência. Manter um periódico com olhar para o tempo contemporâneo do continente africano, sob uma perspectiva ousada de um grupo de docentes distribuídos em duas universidades públicas (UNILAB e UNEB) é, talvez, algo por demais alvissareiro, no caso, uma esperança de que haverá o fim da tempestade. Será?

Neste número procuramos mostrar temas polêmicos e diversos de um continente ainda pouco conhecido pelos brasileiros, sejam estes da(s) academia(s) ou da sociedade em que estas se inserem. Mostrar as dinâmicas de uma África viva, pujante e, ao mesmo tempo, múltipla, é parte significativa dos nossos desejos e anseios. Se o leitor, ao final da leitura dos artigos deste número de *Cadernos de África Contemporânea*, ficar convencido de que precisa ler mais sobre o continente africano, os autores dos artigos aqui dispostos terão cumprido parte significativa de sua missão.

E ela teve início com as interrogações sobre Ruanda: o que terá acontecido neste país, para que tantas vidas fossem ceifadas em tão pouco tempo? Danilo Ferreira, com seu artigo intitulado “**Publicando o Ódio: a Revista Kangura e a Guerra Civil Ruandesa**”, procura mostrar como uma revista, aliada a outros veículos de mídia, possui o poder de disseminar inverdades, distorcer fatos e construir o ódio. Editoriais, matérias, reportagens que levavam aos leitores as “verdades” da violência contra aqueles que deveriam ser mortos. Em brilhante análise dos números da Revista Kangura, apoiado em refinada bibliografia, Danilo nos mostra partes de um quebra-cabeças do ódio que culminou com o assassinato de quase um milhão de pessoas em menos de cem dias.

Seguindo a trilha para desvendar mistérios, Detoubab Ndiaye, em seu artigo “**A Sociedade Civil nas Transições Democráticas e sua Emergência na África Ocidental: o Exemplo do Senegal**” indica algumas luzes sobre o processo de constituição dos estados nacionais contempo-

râneos, e de como estes trazem consigo problemas perpassados pelos limites da democracia, e de uma sociedade civil cercada por problemas às vezes intransponíveis. A partir do Senegal, o autor nos mostra os limites dos regimes políticos existentes na África ocidental, e de como estas transições em muitos momentos não se completam da forma satisfatória e devida. Disputas entre grupos, convulsões sociais, má governança e sistemas políticos frágeis... Seria a África inviável e avessa à democracia? Nosso autor nos faz ver muito mais do que simples respostas, apesar de que estas ainda não satisfazem as muitas perguntas, algo comum para os Estudos Africanos em geral.

Ainda em meio à polêmica, e disposto a problematizar questões complexas para os intelectuais do continente africano, Ercílio Langa nos brinda com seu excelente e instigante artigo **A Homossexualidade no Continente Africano: História, Colonização e debates contemporâneos**. O autor, com base em profícua análise sobre razoável bibliografia, mostra as discrepâncias entre os discursos advindos das colonizações islâmicas e judaico-cristã, que negam o amor e o prazer entre pessoas do mesmo sexo, com inúmeros fatos ocorridos no passado recente do continente africano. O autor faz refinada análise de discursos dos atores e atrizes envolvidas neste cenário, e mostra o “estado da arte” das discussões sobre o tema. A questão central, de como se encontra a situação dos direitos de lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e intergêneros (LGBTI’s) nas sociedades africanas é respondida em meio a análise documental e extensa bibliografia.

A história segue, tal qual a caminhada dos peregrinos que teimam em apreciar a viagem em detrimento do destino, e com ela Gabriela Costa nos faz ver, a partir da análise das identidades dos personagens do festejado livro *Terra Sonâmbula*, fragmentos das possibilidades de como os indivíduos podem se construir enquanto pessoas, em meio à guerra e o constante fazer e refazer de práticas. O artigo “**História, Identidade e Diáspora em Terra Sonâmbula**” tem o mérito de mostrar os diálogos da Literatura com os Estudos Africanos, e destes com a História e as Ciências Sociais. Questões como “identidade”, “pertencimento” e “cultura” surgem a cada instante para mostrar ao leitor algumas das possibilidades de se entender os indivíduos de uma sociedade perpassada pela guerra e crise. Eis uma genial maneira de se entabular questões sobre as escolhas e performances de indivíduos vivendo numa complexa sociedade.

Tirando os pés do continente, mas sem sair da África, o leitor é premiado com uma breve, mas não menos refinada, análise sobre questões da história do Cabo Verde, país insular e de colonização portuguesa, repleto de semelhanças (e também diferenças) com o Brasil que nos abriga. Rutte Andrade, a partir da análise de autores diversos, entabula algumas possibilidades de entendimento de Cabo Verde, privilegiando a história como forma de explicar a contemporanei-

dade deste belo país de muitas ilhas. Em seu artigo, intitulado **“Cabo Verde e Sua Agenda Epistemológica na Encruzilhada da África Contemporânea: Uma Reanálise Histórica do Processo de Resistência”**, esta autora se utiliza de análise historiográfica para mostrar as não tão sutis relações existentes entre meio físico, culturas, colonização e contemporaneidade.

Os períodos de seca e de fome, ao contrário do que nos sugerem aqueles que optam pela natureza como recurso de explicação, podem ser entendidos sob a luz da História, sobretudo se esta trouxer outros lugares e formas de entendimento dos eventos. A autora se insurge contra as pretensas formas universais (leia-se ocidentais!) de entendimento dos fenômenos, e aponta outras maneiras de análise, lúdicas e ao mesmo tempo profícuas. A autora nos aduz ao entendimento das minúcias caboverdianas, sob o rigor da análise de alguém dotada do conhecimento de causa.

Ainda com os pés na costa atlântica, mas já fazendo a travessia, Paulo Gomes Vaz e Maria Gabriela Hita nos jogam dentro das malas com o intuito de nos transformar em sujeitos co-partícipes das viagens empreendidas por mulheres “sacoleiras” angolanas e guineenses, que saem dos seus recônditos para iràs compras de roupas e artigos diversos com o objetivo de revendê-los em seus países. E neste artigo, intitulado **“Circuito de Mercadorias e Identidades Africanas em Movimento: Reprodução Social das Mulheres Angolanas e Guineenses no Comércio Retalhista África-Brasil-China e Sudeste Asiático”** os autores nos fornecem subsídios para entender que o lugar de ‘vítima’ ou de uma passividade latente não se sustenta para mulheres que empreendem viagens a lugares os mais diversos possíveis, com o intuito de adquirir mercadorias para serem revendidas.

Os autores, em meio a sofisticada metodologia de pesquisa, nos levam ao entendimento de como estas sacoleiras conseguem se inserir em pequenos circuitos econômicos, nos quais ocupam lugares dinâmicos e ao mesmo tempo dotados de protagonismos. A partir de entrevistas, estruturadas em questionários construídos ao longo da pesquisa, os autores mostram interessantes questões em torno das experiências de vida, cruzadas pelo trabalho formal e informal. E mais uma vez se desfazem as representações grotescas que transformam homens e mulheres do continente africano em sujeitos destituídos de protagonismo de sua história. O leitor desavisado, que puser os olhos neste artigo, irá se assustar com as dinâmicas histórias de mulheres que não se contentam com o lugar da passividade e sujeição.

Já fora do continente africano, navegando nas relações internacionais no contexto “Sul-Sul”, o leitor e a leitora são levados para o entendimento de uma intrincada reflexão sobre as possibilidades existentes no cenário em que países deste hemisfério priorizavam relações com seus vizinhos. O autor, Deolindo Nunes Barros, faz uso de sofisticada análise bibliográfica para compreender as tessituras destas relações entre Estados independentes, e de como estas podem

propiciar êxitos e fracassos para as economias de países pouco privilegiados no cenário das relações internacionais como um todo. O artigo **“Um Histórico das Relações Sul-Sul no Contexto das Relações Globais”** possui o mérito de mostrar os países emergentes e pobres em busca de lugar ao sol no complexo jogo de forças das potências e superpotências. Com recorte temporal situado entre os fins dos anos 1940 até os dez primeiros anos do século XXI, o autor nos mostra os ganhos e as possibilidades destes países localizados no hemisfério sul, sob o escopo de significativa bibliografia e documentação pertinente ao objeto. O leitor poderá tirar conclusões “nada favoráveis” ao atual mandatário político do país, se observar o lugar ocupado pelo Brasil no cenário das relações internacionais da contemporaneidade. O contraste nos papéis é evidenciado em texto agradável de se ler, daqueles que só se deixa de lado depois que finda o texto.

Imediatamente saímos do continente africano, e com a rapidez de avião a jato, atravessamos o Atlântico, com destino ao Brasil. Com o intuito de entender as formas como José Honório Rodrigues percebia a política externa independente (PEI), Paulo Alves Júnior, com seu artigo intitulado **“Brasil e África: Outros Horizontes – A Política Externa Independente, o Caso de Angola”**, nos brinda com leitura de rara leveza sobre como este genial historiador percebia os modos como a chancelaria brasileira deveria proceder. Ele, José Honório Rodrigues, pensava a política externa como parte das ações de um estado independente, sendo contrário ao alinhamento automático aos interesses norte-americanos. Correndo riscos de sentir saudades de Celso Amorim, e de lamentar imensamente as semelhanças com o tempo presente, o leitor é levado ao percurso de como o Brasil teceu suas relações externas antes e depois do fatídico ano de 1964, momento em que ocorre um evento de triste lembrança e memória. Paulo Alves Junior nos traz o caso particular de Angola como forma de mostrar as intrincadas cenas de um Brasil que vira e mexe, volta no tempo que nunca deveria ter acontecido.

Logo a seguir, ainda com os pés neste lado do Atlântico, e parecendo ser um caso combinado de temas correlatos, o leitor poderá percorrer as linhas que perpassam o artigo de José Francisco dos Santos, intitulado **“Mama África”? Ligações Brasil e Angola”**. Neste, o autor mostrará dispor de genial análise de um historiador que faz uso de documentos produzidos pelos militantes dos movimentos sociais negros brasileiros, sob os auspícios de uma bibliografia suficiente para propiciar reflexões em torno de discursos que balizaram a construção de um “africano” ancestral do negro, e que justificaram práticas e pontos de vista de homens e mulheres que se empenharam na luta contra complexos jogos em que cor de pele e tipos físicos constituem a tônica.

José Francisco nos mostra como os militantes de movimentos negros, sob influências do marxismo, constroem suas organizações e performances, baseadas na ideia de uma África mãe, ponto primordial de origem de tudo o que diz respeito aos negros e negras do Brasil. Se, por um

lado, houve quem estabelecesse o estranhamento de tal performance, e que não compreendesse como poderia ser visto como “irmão”, por outro, houve quem percebesse que esta representação de África idílica não era assim tão efetiva/verdadeira. Estas linhas podem nos mostrar as pistas de como representações de África foram construídas em nosso país, lançando luzes para a compreensão do fenômeno na contemporaneidade. Sem querer ser generoso, mas este artigo, literalmente falando, fecha com chave de ouro mais este volume de *Cadernos de África Contemporânea*.

E com ele o recado de que não vamos abrir mão de nossas universidades, “talkey”? E que se o obscurantismo persistir em seu delírio perverso, terá em nós, pesquisadores, intelectuais e estudiosos, sob os poderes do professor, a barreira de proteção daquilo que é, sem dúvida, de fundamental importância para um país: as universidades e o ensino superior! Esta revista, assim como as ações deste grupo de pesquisa, soma esforços na luta para preservar direitos e conquistas de homens e mulheres que no passado percorreram caminhos semelhantes aos nossos, para que universidades e cursos de graduação e pós-graduação existissem. A caminhada continua e, com ela, a defesa intransigente da História da África e dos Estudos Africanos. Nossa única certeza é a de que continuaremos nas trincheiras da vida, *mesmo que o pão seja caro e a liberdade pequena*.

Ao leitor e à leitora, os nossos votos de uma excelente leitura!

Ivaldo Marciano de França Lima.